
**Teorias conspiratórias sobre COVID-19 e o ressentimento:
autoengano, impotência e formação de crenças ilusórias**

**Conspiracy theories of COVID-19 and resentment:
self-deception, impotence and wishful believe formation**

Gabriel Cabral Gonçalves GOMES³⁸

Paulo VAZ³⁹

RESUMO

O intuito deste trabalho é indagar sobre as condições históricas e psíquicas da emergência de certas crenças. Para tal, partimos das publicações analisadas pelas agências de verificação *Lupa* e *Fato ou Fake* sobre a pandemia, desde a primeira ocorrência. Argumentamos que o conceito de ressentimento, de Nietzsche, é uma chave interessante de interpretação da motivação psíquica de crenças ilusórias.

PALAVRAS-CHAVE

Teorias conspiratórias; Pandemia; Ressentimento; Populismo conservador; Psicologia moral

ABSTRACT

The goal of this paper is to inquire about the historical and psychic conditions of emergence of certain beliefs. To do so, we begin from the fake posts that have been reviewed by verification agencies such as *Lupa* and *Fato ou Fake*, about the pandemics, since the first occurrence. We argue that the concept of resentment, from Nietzsche, gives a good key to the interpretation of the psychic motivation of wishful believes.

KEYWORDS

Conspiracy theories; Pandemics; Resentment; Conservative populism; Moral psychology

³⁸ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista PIBIC/CNPq; e-mail: gabrielcabral.eco@gmail.com

³⁹ Orientador do trabalho. Professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Pesquisador 1A do CNPq; e-mail: paulovaz.ufrj@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho consistiu em recolher publicações falsas de duas agências de verificação, a Lupa e a Fato ou Fake. Recolhemos um total de 440 publicações da Lupa e 374 publicações da *Fato ou Fake*. A primeira verificação foi feita no dia 03 de março de 2020⁴⁰, a última recolhida foi em 31 de maio de 2021, período em que finalizamos nossa coleta para começar a trabalhar com o material. O material foi dividido em categorias, e esta divisão foi basicamente a mesma para as publicações retiradas das duas plataformas, com algumas diferenças. As categorias foram, para a *Lupa*: Vacina, Isolamento, Cloroquina e Tratamento Precoce, Hospitais, Mortes e Outros. Já para a *Fato ou Fake*, achamos relevante adicionar a categoria Máscaras, já que foram encontradas 33 publicações com a temática, quase 10% do *corpus* das publicações retiradas dessa fonte. Na *Lupa*, esse número foi de 13 publicações, o que representou menos de 3% do *corpus*, não justificando a criação de uma nova categoria. Outras 13 publicações incluem máscaras, nas categorias Vacina, Isolamento e Hospitais. Estas têm as máscaras como elemento secundário, utilizando a falta de máscara para desqualificar a vacinação, o isolamento ou a superlotação de hospitais.

Para a construção do nosso argumento, analisamos as publicações falsas, tanto seu conteúdo como o sentido do conteúdo, a fim de mapear as narrativas que se repetiam; procuramos, também, observar o que motiva pessoas a acreditarem e compartilharem essas “versões” dos fatos, presentes nestas publicações. Nós buscávamos o argumento por trás dessas publicações falsas, a que necessidades elas respondiam, a que sujeitos elas poderiam interessar e por que isso interessa a esses sujeitos. Assim como o conjunto de matérias de um jornal contém metainformação de sua comunidade de leitores (GELFERT, 2018), nós pensamos que as publicações falsas contêm metainformação daqueles que as consomem, e também daqueles que as criam. O nosso interesse nas publicações falsas verificadas pelas agências também se justifica pela forma com que essas publicações tentam reclamar credibilidade. Gelfert (2018, p. 100, tradução nossa) argumenta que

⁴⁰ Não conseguimos ter acesso à primeira publicação falsa sobre a COVID-19 porque nosso acesso é condicionado pelas verificações das respectivas agências de verificação. Essas agências, pelo menos até o momento em que fazíamos esta pesquisa, verificavam publicações sugeridas por usuários das redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Whatsapp*.

Muito da credibilidade inicial das fake news deriva de histórias de fundo do mundo real, e quase todas as *fake news* pretendem ser sobre atores e entidades do mundo real. Afinal, notícias falsas pretendem ser notícias, e não ficção. Muitas histórias de *fake news* não são inteiramente falsas, mas uma mistura de mentiras deliberadas com verdades reconhecidas como meio de ofuscação.

Ou seja, publicações falsas baseiam-se em situações reais, misturando inverdades com conteúdos verdadeiros para enganar seus leitores. Nesse sentido, nós partimos da ideia de que as publicações falsas têm um papel funcional para seus leitores. Partindo disso, nós podemos avaliar que tipo de conteúdo, ou que tipo de argumento, era funcional para os leitores das publicações falsas e nos perguntar por quais razões eles acreditavam nesses conteúdos. Nosso foco foi analisar a variabilidade de narrativas construídas por essas publicações, argumentos em comum que pretendiam manipular os leitores: a construção das categorias foi baseada nesses argumentos em comum; as publicações que se enquadravam em cada categoria serviam justamente para desqualificar a visão hegemônica (da ciência e dos meios de comunicação tradicionais) sobre esses temas. Por exemplo, uma publicação falsa enquadrada na categoria Vacina normalmente indica uma publicação que tenta, de alguma forma, manipular o leitor a desqualificar as vacinas contra a COVID-19.

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Na primeira etapa da pesquisa, nosso processo foi de coleta das publicações falsas e enquadramento em nossas categorias. Na análise do conteúdo dessas publicações, alguns padrões chamam a atenção: no escopo da Lupa, das 34 publicações dentro da categoria Hospitais, 19 relatavam ou argumentavam em favor da teoria de que os hospitais não estariam com filas de espera, ou que as alas de COVID-19 estariam, na verdade, vazias, ao contrário do que dizia o jornalismo tradicional. Na categoria Mortes, há explícito relato de pessoas sendo enterradas vivas, caixões enterrados vazios ou mesmo de pessoas salvando seus entes queridos que estariam sendo levados à força para constar como corpos mortos pela COVID-19. Ilustrando esta última narrativa, há em particular uma publicação compartilhada mais de 50 mil vezes no Facebook sobre um policial que teria resgatado sua mãe, saudável, de uma ambulância

de COVID-19. Ainda na categoria Mortes, foi possível observar uma certa romantização do poder: há várias publicações que relatam que o número de mortes em determinadas cidades teria sido diminuído após “auditorias” de órgãos como a Polícia Federal, visitas de um dos ministros da saúde, ou coisas do mesmo gênero. Essas duas categorias, Mortes e Hospitais, convergem em torno da argumentação de que há uma inflação do número de mortes por COVID-19 e o que pretendem é desqualificar essa visão.

Nas categorias Vacina, Isolamento e Máscaras (para o caso da Fato ou Fake), entendemos que o argumento também converge. Essas publicações induzem o leitor a acreditar que, na verdade, essas medidas de impedimento da transmissão são um risco desnecessário. Para tal, algumas fazem uso de argumentos epistemologicamente deficientes com eventos reais, criando associações falsas. Exemplo: 1) o primeiro país a sofrer as consequências da COVID-19 no mundo foi a China (verdadeiro); 2) a primeira vacina a chegar no Brasil foi a CoronaVac, produzida por um laboratório chinês (verdadeiro). Uma publicação falsa que relaciona essas duas premissas verdadeiras cria um nexos causal entre as duas: em outras palavras, vai dizer que a primeira vacina que chegará é chinesa porque eles já sabiam como produzir a vacina, afinal, geraram o vírus. A imputação de causalidade a eventos não aparentemente relacionados é típico da estrutura de teorias conspiratórias e é possível ver a recorrência desse tipo de argumento nas publicações recolhidas. Outro personagem que aparece com frequência é João Dória, governador de São Paulo à época, e que realizou certos esforços para levar a vacinação a São Paulo com a CoronaVac por intermédio do Instituto Butantan. Dória é particularmente atacado por essas publicações falsas, que geralmente apontam um conluio entre Dória e o esforço de trazer as vacinas. Por exemplo, relatar que Dória já teria assinado os contratos para a vinda da vacina antes mesmo da existência do vírus, o que diria que ele faz parte dessa conspiração. Mais: as vacinas teriam um risco que não valeria a pena e, portanto, muitas publicações relatam que vacinas matam ou prejudicam de alguma forma as pessoas. Já publicações sobre isolamento relatam frequentemente a suposta ineficácia do isolamento comparando a situação de países que fizeram isolamento com a de países que não fizeram. Além disso, frequentemente relatam supostas abordagens policiais violentas contra cidadãos que estariam infringindo a prática do isolamento social: argumentam que a liberdade de ir e vir estaria sendo lesada por medidas autoritárias de controle social; a desordem econômica e social também aparece com muita

frequência, relatando desemprego, suicídio por causa do isolamento social, saques a mercados. Por fim, há vários casos de tentativa de desqualificação de líderes que propunham o isolamento social, como Dória, Haddad, Flávio Dino; essas publicações relatariam casos em que esses líderes estariam burlando a quarentena. Sobre a categoria Máscaras, geralmente trata-se de relatar dados supostamente científicos de que máscaras causariam danos a quem as usa, como falta de ar por excesso de dióxido de carbono (CO₂) no sangue, etc. Nesses casos, trata-se sempre de argumentar que se corre riscos que não se precisaria correr por causa da pandemia. Em outras palavras, o argumento é sempre direcionado a desqualificar a postura da ciência e dos meios de comunicação tradicionais de que as medidas de prevenção funcionam e, mais que isso, trata-se de inflacionar seu risco para produzir medo das medidas: medo da desordem econômica e social e, portanto, do caos social; medo de tomar a vacina; medo de usar máscaras e, acima de tudo, produzir sensação de que se está sendo enganado por uma elite corrupta e imoral (certos políticos, mídia tradicional e ciência).

No caso da categoria Outros, é possível relatar uma variedade imensa de publicações. Entretanto, o que mais chama atenção são as formas relatadas de se prevenir contra a COVID-19 ou então de se saber infectado ou não com a doença. Embora seja um quadro de temas diversos, o intuito fundamental parece o mesmo das outras: desqualificar o risco da doença, dizer que existem formas fáceis e simples de se prevenir ou de saber que está infectado com a doença. No caso da categoria Cloroquina e Tratamento precoce, o argumento é o mesmo: existe uma forma simples e prática de se prevenir/ou se tratar para a COVID-19 e, portanto, o medo da doença não é justificável.

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO, PUBLICAÇÕES FALSAS E O POPULISMO CONSERVADOR

Podemos pensar as teorias conspiratórias como teorias que respondem a um determinado dado do real, fornecendo sobre ele uma interpretação alternativa. A definição de teorias da conspiração proposta por Keeley (2019) inclui também a imputação de causalidade a certos grupos com relação a esses dados do real. Escreve Keeley: “O que é uma teoria da conspiração? Uma teoria da conspiração é uma explicação proposta sobre algum evento (ou

eventos) histórico(s) em termos da agência causal de um grupo relativamente pequeno – os conspiradores – agindo em segredo” (2019, p. 116, tradução nossa). Essa chave conceitual é fundamental para pensar as publicações falsas recolhidas e analisadas. Grande parte delas parece fazer parte desse escopo maior de desinformação que são as teorias da conspiração. Na verdade, elas parecem movimentar e divulgar essas teorias da conspiração. Nesse sentido, as publicações que sustentam que o isolamento social, as vacinas e as máscaras têm um risco demasiado grande; as publicações que sugerem que as mortes por COVID-19 estão aumentadas; as publicações que sugerem que há formas mais eficazes de se tratar da COVID-19 ou prevenir-se dela: todas elas contêm, implícita ou explicitamente, o argumento de que há poderosos (mídia, ciência e políticos opositores) que mentem em benefício próprio. O que elas supostamente desvelam é essa conspiração sobre não se dizer a verdade acerca da doença. A mídia tradicional, a ciência e os políticos opositores do governo de Jair Bolsonaro estariam mentindo e incitando o medo na população por interesses próprios. Dessa forma, conspiradores agem em segredo para impedir o bem comum.

Essa estratégia de desinformação, a saber, as teorias da conspiração, tem um nexos inevitável com o populismo. Tomemos a definição de populismo de Mudde:

uma ideologia que considera a sociedade sendo dividida, em última análise, entre dois grupos homogêneos e antagônicos, o ‘povo puro’ contra a ‘elite corrupta’, e que argumenta que a política deveria ser uma expressão da vontade générale (a vontade geral) do povo”. Populismo, então, tem dois contrários: elitismo e pluralismo (MUDDE, 2004, p. 543, tradução nossa)

A relação utilizada pela ideologia populista entre elite e povo é basicamente a mesma elencada pelas teorias da conspiração. Nos dois fenômenos é possível ver a construção de um povo ingênuo, puro, para o qual as elites tradicionais mentem e conspiram contra.

Uma das causas para o *Populist Zeitgeist*⁴¹, de acordo com Mudde, seria a independência relativa das mídias com relação aos partidos políticos a partir da década de 60, e ao mesmo tempo a ascensão de mídias privadas que disputavam a audiência. Essas mídias teriam, para

⁴¹ *Zeitgeist* é um termo alemão que se forma pela junção entre os substantivos *Zeit* e *Geist*, respectivamente, tempo e espírito (ou alma). A expressão denota o espírito particular de um período da história com relação a suas crenças.

conquistar mais leitores e espectadores, cedido a conteúdos mais polêmicos e conteúdos mais extremos com relação à política. Essas circunstâncias não só “fortaleceram sentimentos anti-elite na população, como também forneceram o lugar perfeito para populistas, que acharam não só uma audiência receptiva, mas também um meio bastante receptivo” (MUDDE, 2004, p. 553, tradução nossa). O descrédito dos meios de comunicação de massa, assim como sua receptividade para com conteúdos polêmicos sobre política acabou gerando um ambiente propício para o desenvolvimento de políticos populistas.

Com o avanço das tecnologias de informação e, conseqüentemente, o avanço das possibilidades de comunicação, a ideologia populista pôde efetivar-se sem auxílio de meios de comunicação tradicionais. É o que presenciamos tanto no Brasil como nos EUA, com Donald Trump, figura na qual Jair Bolsonaro inspira-se veementemente. A importação de argumentos da direita populista americana foi e é bastante utilizada pelos populistas conservadores brasileiros (SANCHOTENE; SANTOS; VAZ, 2020), assim como seu método de comunicação sem intermédio de jornalistas, mas direto com os receptores a partir das redes sociais. Esse contexto informacional torna mais propícia a formação de bolhas de crenças e a veiculação de notícias a partir das redes sociais torna-se um motor para a desinformação. Rini (2017, p. 43, tradução nossa), por exemplo, argumenta que

[...] pessoas acreditam em *fake news* porque as adquirem pelas redes sociais, as quais são uma forma peculiar de testemunho. Compartilhamento em redes sociais tem atributos que reduzem a suscetibilidade da audiência para pensar criticamente ou checar fatos. Esse efeito é ampliado quando quem testemunha e a audiência compartilham a mesma orientação partidária.

Nesse sentido, se uma publicação falsa é compartilhada por alguém que compartilha do mesmo viés político do receptor da publicação, esta tem muito mais chances de ser aceita acriticamente. Além disso, como propõe Gelfert (2018), uma outra característica da aceitação de *fake news* por parte de seus receptores é que elas são feitas para manipular a “heurística e vieses cognitivos de seus consumidores” (Ibid., p. 111, tradução nossa). Aqui é necessária uma remissão terminológica, antes de prosseguir, já que optamos por não utilizar o termo *fake news*, mas sim publicações falsas. Optamos por essa alternativa porque compartilhamos da definição de *fake news* proposta por Gelfert (2018) e Rini (2017), para os quais *fake news* são, antes de

tudo, informações veiculadas que imitam o formato notícia. A própria etimologia nos sugere isso: *fake news* são, a princípio notícias falsas e, portanto, é o fato de serem “notícias” o que confere a elas sua particularidade com relação a outras formas de desinformação, como rumores ou falsos testemunhos. Muitas publicações falsas verificadas pelas agências de checagem parecem ser de indivíduos privados em redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, que podem ou não ter a intenção de enganar. Se concebemos, tal como Gelfert (2018, p. 108), que “fake news são a apresentação deliberada de (tipicamente) alegações falsas ou enganadoras como *notícias*, onde as alegações são enganadoras por *design*”, precisamos ter duas características essenciais para chamar algo como tal, a saber, que sejam deliberadamente enganadoras – seus produtores sabem da sua natureza inverídica – e que sejam apresentadas como notícias. No nosso *corpus*, muitas publicações encaixam-se nesses parâmetros, mas por haver na multiplicidade de publicações diversos formatos, como rumores ou falsos testemunhos, é preferível utilizar a expressão publicações falsas, que teria conotação mais geral e corrente.

Em nossa pesquisa, fizemos também um mapeamento das ocorrências das publicações falsas verificadas de acordo com o período mensal. Este esforço faz parte de uma tentativa de desvelar a genealogia das crenças nessas formas de falseamento da realidade. A partir de nossa análise, podemos inferir que essas publicações falsas tentavam, tal qual as teorias conspiratórias, fornecer explicações alternativas para eventos reais e, mais especificamente, eventos e circunstâncias ligadas à emergência da COVID-19 no Brasil. A análise do quadro de ocorrências das publicações nos oferece uma explicação para a formação da crença em termos psíquicos, a partir do conceito de ressentimento e seu correlato, o sentimento de impotência.

A FORMAÇÃO DE CRENÇA A PARTIR DO RESSENTIMENTO E A POSSIBILIDADE DE APAZIGUAMENTO DA IMPOTÊNCIA

Os períodos cruciais de veiculação de notícias falsas foram março, abril e maio de 2020, assim como janeiro e fevereiro de 2021. Perguntamo-nos por que haveria uma tamanha ocorrência de publicações falsas neste período. A resposta pode surgir em vários níveis. No nível empírico, temos o início da pandemia e o discurso inflamado do presidente Jair Bolsonaro. O mês de março e abril são cruciais para entender, por exemplo, como a gestão da pandemia

pelo governo de Jair Bolsonaro se deu. Além disso, há vários conflitos na opinião pública e entre políticos sobre as melhores decisões a serem tomadas para evitar o colapso do sistema de saúde. Enquanto uma parcela majoritária aprovava as medidas de isolamento social, uma parcela consideravelmente grande se colocava contra as medidas⁴², assim como o próprio Presidente, que alegou diversas vezes que não se podia “paralisar” a economia. Em março, a chegada do vírus ao Brasil tornara-se inevitável, e parte das publicações falsas trata de como se saber infectado ou como prevenir-se. Em abril e maio, temos o momento de grande ocupação de hospitais e de aumento substancial do número de mortes a cada semana, o que explica o número de publicações falsas alegando emergências vazias ou inflação de mortes pela COVID-19. É em meados de março que a discussão sobre práticas e políticas de isolamento social se concretiza em vários estados do país e, nesse período, vemos que as publicações sobre Isolamento têm bastante peso, assim como nos dois meses subsequentes. O total de publicações dos meses de março, abril e maio soma 260 publicações; essa quantia é grande se compararmos com outros períodos, o que sugere que foi um dos períodos de maior polarização das crenças e de maior uso da desinformação. Em dezembro de 2020 e janeiro de 2021, por outro lado, vemos um aumento exponencial das publicações, principalmente com foco em Vacina, que atinge o maior número para um único mês numa categoria principal (excluindo a categoria Outros).

Os períodos de março, abril e maio respondem a necessidades muito específicas (prevenção e inflação de mortes). Assim como no início de 2021 as publicações de Vacina são muito superiores a todas as outras, o que responde ao início da vacinação. É importante lembrar que em dezembro de 2020 muito se falava da esperança da vacinação no país, inclusive, muitas capas da *Folha de São Paulo* em dezembro estampavam a vacinação. Portanto, as publicações falsas respondem a um medo da vacinação. O ente perigoso está cada vez mais perto e, portanto, é necessário fazer uma reavaliação do perigo. Para quem acredita na realidade da pandemia, a vacinação apresenta esperança, possibilidade de volta à normalidade. Para quem não acredita, o afeto é o contrário: o medo; medo do controle, já que a normalidade já está aí, só não se efetiva por causa de elites imorais que estão promovendo o caos. No caso do início do ano de 2020, a

⁴² Cf. Ramos *et al* (2020) para uma discussão sobre o papel da adesão partidária na tomada de opinião sobre o isolamento social. Este artigo sugere, por exemplo, que conforme indivíduos se concebem mais de direita, sua adesão ao isolamento social cai.

resposta é dada em relação ao próprio real da pandemia: existe estratégia de tratamento sem muito custo (Cloroquina e tratamento precoce), os custos do isolamento social são altos e há risco de desordem econômica e social; completando o argumento do negacionismo, hospitais e emergências não estão cheios, assim como as mortes estão inflacionadas.

Nós pretendemos explicar a formação da crença a partir do conceito de ressentimento em Nietzsche. O uso da genealogia de Nietzsche se justifica porque ela pensa a crença como a expressão de um determinado estado afetivo (REGINSTER, 2019, 2021). Por exemplo, como argumenta Reginster, para Nietzsche “a moralidade Cristã serve bem para expressar o ressentimento, e para servir a vontade de potência de agentes afetados por um sentimento de impotência por crônicas frustrações” (REGINSTER, 2021, tradução nossa). Se pensarmos a formação de crença negacionista como uma formação moral de crença, o que é plausível, já que o negacionismo imputa responsabilidade moral aos seus supostos ofensores, podemos pensar com Nietzsche que afetos são representados por esse tipo de moral. Se tomarmos o aforismo 187 de *Além do Bem e do Mal* (2002), o qual Nietzsche após dizer que é lícito perguntar, a partir de uma dada afirmação ou enunciado, o que se pode deduzir daquele que enuncia, termina a passagem dizendo que “a moral é só uma linguagem de sinais dos afetos” (NIETZSCHE, 2002, p. 77, tradução nossa), podemos pensar que Nietzsche oferece uma posição crítica crucial para pensarmos as moralidades que surgem no contemporâneo.

A partir desse ponto de vista, a genealogia tem implicações históricas e psicológicas. Por um lado, a *Genealogia* de Nietzsche (2009), oferece o trajeto histórico e contingente de noções como a noção moral de culpa a partir das relações contratuais. Nesse caso, a genealogia de determinada noção é desvelada a partir do desvelamento das sucessivas circunstâncias e eventos contingentes que a originaram. Mas por outro lado, como argumenta Reginster (2021), a genealogia de Nietzsche tem claramente um aspecto psicológico. Seu intuito é, também, a origem no sentido psicológico, ou seja, os estados afetivos que originaram determinada crença. “O conceito cristão de culpa, por exemplo, revela-se ser uma invenção do ressentimento” (REGINSTER, 2021, p. 3, tradução nossa). Na verdade, o complexo afetivo denominado por Nietzsche de ressentimento é um dos possíveis geradores da moralidade em geral (MOURA, 2019; REGINSTER, 2016).

A nossa genealogia das publicações falsas, então, pretende fazer um argumento análogo ao de Nietzsche. Nós recuamos ao início, à “origem”, desses discursos, a saber, o início da pandemia, e tentamos pensar que eventos e circunstâncias as originavam, assim como os estados afetivos que sustentavam essas crenças. O estado afetivo que melhor explicaria a formação de crenças negacionistas seria o ressentimento. O ressentimento seria um estado afetivo marcado pela debilidade da “força plástica do esquecimento”, ou seja, uma incapacidade de esquecer, além de um sentimento de impotência. Na primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, e principalmente nos aforismos 7, 10, 13 e 14, Nietzsche constrói a narrativa de dois grupos aristocráticos que brigariam pela superioridade política, os sacerdotes e os guerreiros. Os sacerdotes seriam marcados por uma forte impotência e incapacidade de conseguir aquilo que querem. Para resolver o sentimento de impotência, ou seja, falsear sua impotência, Nietzsche argumenta que os sacerdotes realizam uma reavaliação dos valores. Assim, os que exercem a superioridade política são maus e, portanto, imorais. Deleuze (2018) opera uma interpretação muito rica desse fenômeno, o qual chamou de paralogismo do cordeiro: o cordeiro passa a crer que é predado pelas aves de rapina porque elas decidem conscientemente fazê-lo e, portanto, poderiam não fazer. O cordeiro condena moralmente a ação da ave de rapina, porque pensa que ela poderia ter feito de outra forma; usando a mesma lógica, o cordeiro pensa que ele também poderia agir tal qual ave de rapina, mas não o faz porque não quer: dessa forma, o cordeiro teria uma dupla força, a força do querer e a força da contenção do desejo. Assim, ele condena a agência da ave de rapina e transforma sua própria impotência, afinal não pode agir como ave de rapina, em força. Nesse sentido, como Nietzsche (2009, p. 34) diz, esses sujeitos conseguem “enganar a si mesmos com a sublime falácia de interpretar a fraqueza como liberdade, e o seu ser-assim como mérito.”

Nosso argumento se dá de forma parecida. Argumentamos que a crença em publicações falsas que negam a realidade da pandemia se dá a partir de um autoengano específico, que remete à operação valorativa do ressentimento. Tal como o cordeiro, aqueles que creem em proposições negacionistas o fazem porque estão permeados por um sentimento de impotência, que os marca constantemente. Essa impotência se dá claramente com relação ao real, da pandemia, o qual querem negar, a partir do autoengano, porque não conseguem tolerá-lo. O ódio e a impotência com relação ao real da pandemia constituem seu ressentimento. A partir da

ideia crucial para Nietzsche de impotência, Reginster interpreta o ressentimento como uma resposta ao sofrimento, este entendido como uma ameaça à posição do sujeito no mundo. No caso dos sacerdotes, ele argumenta que não é exatamente a perda do bem cobiçado que instaura o ressentimento, mas sim a perda do seu sentimento de potência, que é sua capacidade de ação efetiva no mundo (REGINSTER, 2016). A pandemia abala a posição no mundo de muitas pessoas, afetando seu sentimento de potência enquanto sujeitos e, por isso, causa ressentimento. Sujeitos que Nietzsche consideraria “fortes” lidariam com esse ressentimento e ele se extinguiria enquanto uma reação normal à experiência de sofrimento. No entanto, há pessoas que precisam recorrer ao autoengano, enxergar sua fraqueza como meritória e, inclusive, arrumar um culpado para seu sofrimento. As publicações falsas aproveitam-se dessa suscetibilidade para o ressentimento para instaurar crenças que aliviem o sentimento de impotência de seus receptores com relação ao real, ao negar o real da pandemia, objeto do ressentimento e, ao mesmo tempo, encontram agentes moralmente responsáveis pela desgraça, a ciência, a mídia tradicional, os políticos opositores, aqueles que mentiriam e conspirariam contra o bem-estar do cidadão comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste trabalho, mobilizamos os conceitos de teorias conspiratórias (Keeley), *fake news* (Rini e Gelfert), populismo (Mudde) e ressentimento (Nietzsche, Deleuze e Reginster) para construir nossa argumentação. Em primeiro lugar, o fenômeno das publicações falsas analisadas a partir das agências de verificação *Lupa* e *Fato ou Fake* fazem parte do escopo das teorias conspiratórias sobre a COVID-19, divulgadas e fomentadas por atores políticos e midiáticos, tais como o próprio presidente Jair Bolsonaro. Essas teorias conspiratórias fazem parte de uma estratégia de desinformação sobre a COVID-19.

Ao recorrer ao início da pandemia e, portanto, ao início das publicações falsas sobre a pandemia, tentamos realizar uma genealogia dessas crenças. Ao tentar traçar a genealogia dessas publicações, nos interessamos por seu caráter duplo: histórico e psíquico. A genealogia desvela as contingências históricas que originaram uma crença, e também se propõe a desvelar o estado psíquico originador. A hipótese que nos norteou foi a de que é o ressentimento,

enquanto reação complexa ao sofrimento e que carrega uma sensação de impotência, o que faz com que o sujeito seja suscetível a crenças desse tipo. Pelo lado histórico do fenômeno, parece óbvio que as publicações falsas operam tais como as teorias da conspiração, fornecendo explicações alternativas para evento e circunstâncias reais. Defendemos isso mostrando que os períodos de maior veiculação de publicações falsas e suas respectivas categorias remetem a eventos historicamente localizados como a discussão sobre o isolamento em março e abril de 2020, o aumento exponencial de mortes e a sobrecarga das emergências em abril e maio de 2020, e a discussão sobre a vacinação em dezembro de 2020 e janeiro 2021.

A explicação histórica tem fundamental importância, mas nos restaria saber por que os sujeitos acreditam e pensam valer a pena compartilhar determinadas informações, que veiculam certas crenças. Argumentamos que é a partir do autoengano realizado pelo ressentimento que isso ocorre, porque os sujeitos precisam autoenganar-se de sua impotência para livrar-se dela. Assim, acredita-se no negacionismo da pandemia para apaziguar o ressentimento e a impotência causada pelo real da pandemia.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- GELFERT, Axel. Fake news: A definition. **Informal logic**, v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018.
- KEELEY, Brian L. Of conspiracy theories. In: COADY, David (Ed.). **Conspiracy Theories**. Londres: Routledge, 2019. p. 45-60.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Nietzsche: civilização e cultura**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- MUDDE, Cas. The Populist Zeitgeist. **Government and opposition**, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.
- NIETZSCHE, F. **Beyond Good and Evil: Prelude to a Philosophy of the Future**. Londres/Nova York: Cambridge University Press, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RAMOS, Guilherme et al. Orientação política e apoio ao isolamento social durante a pandemia da COVID-19: evidências do Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, p. 697-713, 2020.
- REGINSTER, Bernard. Ressentimento, poder e valor. **Cadernos Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.1, p. 44-70, 2016.
- REGINSTER, Bernard. **The Will to Nothingness: An Essay on Nietzsche's On the Genealogy of Morality**. Oxford University Press, 2021.

REGINSTER, Bernard. What is Nietzsche's genealogical critique of morality? **Inquiry**, p. 1-25, 2020.

RINI, Regina. Fake news and partisan epistemology. **Kennedy Institute of Ethics Journal**, v. 27, n. 2, p. E-43-E-64, 2017.

VAZ, P.; SANTOS, A.; SANCHOTENE, N. Como importar uma guerra cultural: populismo conservador e a crítica ao multiculturalismo no Brasil. In: HELLER, B.; CAL, D.; ROSA, A. (orgs.). **Midiatização, (in)tolerância e reconhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2020.